

Resenha:

## *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe

Cristina Arena Forli<sup>1</sup>

Valter Hugo Mãe, escritor pertencente à novíssima geração da literatura Portuguesa, nasceu em Angola, mas vive em Portugal desde os seus 2 anos de idade. Daí o motivo de não considerar a dupla nacionalidade. É um artista plural. Além de escritor, é músico e artista plástico. Iniciou sua carreira escrevendo poesia, mas sua obra mais reconhecida é a romanesca. Com ela, já recebeu diversos prêmios, entre os quais o Prêmio José Saramago, com *O remorso de Baltazar Serapião*, e o Prêmio Portugal Telecom, com *A máquina de fazer espanhóis*. Em seus romances, há um perceptível empenho no exercício de criação a partir do uso de narradores bem distintos para cada produção. Em *Nosso reino*, por exemplo, o narrador é uma criança, ao passo que, n'*A máquina de fazer espanhóis*, o narrador é um idoso. Frequentemente também são lançadas representações de Portugal e da identidade portuguesa aos olhos do leitor, que, diante delas, se vê impelido a problematizá-las. É o que ocorre em *A máquina de fazer espanhóis*, publicado em 2010 primeiramente pela editora Objectiva, em Portugal, e posteriormente pela Cosac Naify, no Brasil.

O romance tem como narrador-protagonista António Jorge da Silva, um idoso de 84 anos. Após a morte de sua esposa, Laura, ele vai para um asilo por imposição de sua família e, no local, passa a lembrar o passado, juntamente com seus colegas, de forma a buscar sentidos para sua existência no presente. Ao escolher um narrador idoso, Mãe enfatiza uma perspectiva de quem está à margem da sociedade, uma vez que o idoso é uma figura rechaçada socialmente. António não teria, então, legitimidade para narrar. No entanto, o faz, evidenciando sua perspectiva sobre o mundo e a de seus companheiros do lar também.

Os idosos que vivem no lar Feliz Idade têm em comum o fato de terem sido apartados da sociedade. A imagem do asilo é retratada de forma opressora. É o espaço da assepsia, da ordem e do controle por excelência. No local, os velhos não têm o direito de manter muitos de seus pertences, objetos que são um meio de auxiliar na retomada da lembrança, não convivem com quem estavam acostumados e não têm mais o direito de decidir sobre suas próprias vidas. Nesse sentido, o espaço colabora para um processo de perda da individualização, na medida em que são todos, como o narrador afirma, “um conjunto de abandonados a descontar pó ao invés de areia na ampulheta do pouco tempo”. Apesar de o espaço ser opressor, anulador de individualidades, e apesar de não haver possibilidade de interação com a sociedade, os velhos do Feliz Idade encarregam-se de transformar esse espaço que seria nulo num espaço de convivência, num lar de fato. É o lugar em que os idosos ouvem-se mutuamente, constroem narrativas sobre seus passados e refletem sobre eles, sendo possível perceber o asilo como um grande banco de memórias em que é produzida uma narrativa histórica.

Tendo como fio condutor a memória de António, a narrativa alterna o tempo presente no asilo e o passado durante a ditadura salazarista. Além de suas condições no asilo, o passado ditatorial é o que esses idosos têm em comum. Suas lembranças constituem-se representações desse passado, as quais estabelecem uma relação de dependência com o presente. A memória retomada é individual, mas, devido ao fato de um sujeito estar sem-

---

1 Mestra em Literaturas Portuguesa e Luso-africanas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

pre inserido em uma sociedade, ela integra essa coletividade, configurando-se um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nesse sentido, a narrativa centra-se no cotidiano do narrador a fim de permitir a análise da dimensão histórica que esse discurso comporta e que diz respeito, portanto, não só ao indivíduo, mas à coletividade de que faz parte. Em meio à convivência com os colegas de lar, o narrador relembra sua vida com a esposa e os filhos e o exercer de sua profissão como barbeiro. Ao lembrar esses momentos, percebe que sua vida sempre foi muito restrita ao ambiente familiar, não tendo sequer cultivado amigos ao longo dos anos. Apesar de ele e a esposa não gostarem da atuação do Estado Novo, não reagiram contra o regime a fim de proteger o núcleo familiar da forte repressão exercida pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE). Silva tem consciência da posição periférica que ocupou durante a vida, sem afastar-se de sua rotina e obrigações diárias. Dentro das possibilidades que viu na vida, sua maior conquista foi o amor pela esposa. Por isso, tem o pensamento de que sua história não é “história nenhuma”. A perspectiva apresentada é, dessa forma, diferente da apresentada pela história oficial, dos grandes fatos e dos grandes homens, tendo em vista que a história do narrador é a história de um homem comum. E essa perspectiva enfatiza ainda o seu caráter marginal, uma vez que se trata da visão de um idoso, destituído das condições que lhe proporcionavam sentir-se sujeito da sociedade, internado em um asilo, local que o aparta ainda mais da sociedade.

Ao longo da narrativa, há um processo de tomada de consciência que se intensifica à medida que ela vai se desenvolvendo. Esse processo é resultado da reflexão sobre identidade, tanto no nível individual quanto no nível coletivo, que António traz à tona. Uma significativa representação da identidade portuguesa apresentada no romance, e que o narrador também toma para si, é a identidade como um bom homem. A ideia de bom homem está ligada ao período ditatorial, significava ser honesto, trabalhador, dedicar-se à família em primeiro lugar, não se envolver em disputas ideológicas ou em reivindicações a favor daqueles que sofreram com a violência desse sistema para manter a família protegida. Em suma, era fechar os olhos aos problemas que assolavam a sociedade, submetida ao poder de Salazar, e colaborar para o bom funcionamento desse sistema, seja com a contribuição à PIDE, seja por não se opor. O narrador considera, inclusive, famílias de bem as que se deixavam levar pelas aparências, eram facilmente manipuláveis pelos mecanismos de atuação do regime e, portanto, viam o mundo de acordo com a ideologia defendida pelo Estado Novo.

Silva tenta comprovar para si mesmo essa identidade. No entanto, a angústia que sente se intensifica à medida que vai tendo consciência da impossibilidade de estabelecer uma narrativa unificada e estável sobre si mesmo. Por isso, é bastante frequente o paradoxo existente em seus pensamentos e nos das demais personagens. O passado é retomado justamente a fim de ressignificar as identidades no presente e de encontrar justificativas para as ações tomadas no passado, que em geral diziam respeito à inércia que auxiliou a restringir a vida à esfera familiar. É inevitável que esse momento deixasse heranças culturais aos portugueses. Uma delas é o fascismo remanescente mesmo após a implementação da democracia. Fascismo esse que está intimamente ligado à representação identitária do português como um bom homem no romance. Para Cristiano, colega de lar do narrador, a caracterização como bom homem está relacionada à não inquinação política. A personagem trata esta inclusive como uma esfera à parte da sociedade, da qual é possível desvincular-se. António também colabora para essa ideia quando afirma, ao conversar com um rapaz antifascista que entra em sua barbearia, que ali são todos humanistas. O humanismo que defende o narrador é, na verdade, um humanismo despolitizado. António refere-se ao poder como se fosse da apropriação de algumas pessoas apenas. No entanto, como bem ressalta Michel Foucault, o poder não pode ser considerado como de um único grupo, mas como algo que é exercido

por todas as pessoas de diferentes formas. Nesse sentido, não só os políticos exercem o poder, mas todos os cidadãos. Ao defender a despolitização, desse modo, a atitude política de António revela-se a de um típico bom fascista, na medida em que, ao fazer os cidadãos pensarem não exercer poder na sociedade, não há, por parte da maioria da população, uma manifestação de resistência contra o aparelho repressivo do Estado.

Essa noção, inclusive, faz com que os sujeitos não se percebam como autores do que acontece na sociedade, uma vez que não se veem como quem exerce poder nela. Essa condição é levada ao extremo no caso de Silva no que diz respeito à autoridade que assume em relação a suas ações. O ponto ápice para a representação disso na narrativa é a não autoridade que toma para si em relação ao assassinato de Marta. Silva mata a senhora e afirma que foi “a natureza” que agiu. Posteriormente, ele esquece o que fez e sente pena da idosa. Esse esquecimento é um indício da expressão da identidade do narrador como um “bom homem”, que não se vê como um sujeito que exerce poder na sociedade, o que, consequentemente, não permite a percepção de si como autor dessa morte, de forma a evidenciar também o fascismo herdado de seu passado. Outro exemplo dessa condição é sua reação após entregar o jovem que se escondeu em sua barbearia à polícia. Sente orgulho de tê-lo feito e contribuído com o trabalho da polícia. Contudo, num momento anterior na narrativa, ele deixa o jovem esconder-se em sua barbearia e fica feliz por ter realizado essa ação, de forma a apontar para o paradoxo existente em sua ação e no sentimento que ela reverbera em si.

A Europa surge no romance como uma possibilidade de salvação para o país, que se via em crise e precisava de uma crença que o retirasse da condição de inferioridade em que se encontrava, nas palavras da personagem Cristiano Silva, mais um entre os tantos Silva, colega de lar de António. A crença no mito da salvação pela Europa constitui-se uma forma de suprir a necessidade de sentir-se pertencente ao centro. Ela retomaria a superioridade característica da identidade portuguesa, de um povo glorioso e desbravador dos mares, cujo império foi o maior e mais duradouro do Ocidente. No entanto, tal como António, essa personagem também apresenta contradições em seu discurso, as quais refletem a fragilidade da problemática identitária tão explorada na narrativa e que já é sugerida no título. A metáfora da máquina que produz espanhóis faz alusão a Portugal, um país que, assim como Silva, é assombrado pelos fantasmas de seu passado.

Valter Hugo Mãe mostra-nos que a história de Silva é uma narrativa que procura encontrar sentidos para um momento histórico tão conturbado e perturbador na vida desse português e de tantos outros que não são mencionados diretamente, mas que, pela própria escolha de um nome tão comum como Silva, são indiretamente lembrados e citados. A António, assim como a outros portugueses, não há possibilidade de sintetizar sua história em um único sentido devido à forte influência que a ditadura fascista exerceu em sua vida e que gerou um conflito identitário muito intenso. Além disso, Silva passa a perceber diferentes visões de si mesmo e não consegue assumir uma narrativa unificada. E, então, percebendo uma profunda fratura no que concerne à identificação com o nacional, sente-se culpado e quer retomar essa identificação ao acreditar que irá morrer. Ele deseja fazer o que não fez no passado ditatorial, gostaria de intervir socialmente e lutar por um bem comum. No entanto, não pode e não consegue retomar essa identificação. Reclama para que o deixem morrer português, mas não é possível mudar a culpa que sente em relação ao passado. Por isso, deseja tão intensamente esquecer, ter a memória dos peixes, como diz, uma memória com a duração de três segundos. Com ela, poderia maravilhar-se diante da vida no tempo de um olhar. No entanto, como bem destaca Valter Hugo Mãe, a memória é uma forma de compensar a solidão e assume o valor de permanência na vida. Não é possível, portanto, ter a memória de que fala o narrador.

Mesmo com a volatilidade de sua memória devido à idade, António não pode esquecer tudo o que ocorreu em seu passado, não esquece que entregou o rapaz para a PIDE, não esquece que não atuou contra o regime mesmo não concordando com sua ideologia, não esquece a lembrança mais recente da morte de Marta. Essas lembranças evidenciam que o passado está sempre presente. A angústia e o conflito de consciência são constantes justamente porque o narrador vê as consequências de suas ações no passado. Daí o motivo de desejar tão intensamente esquecer. Não se pode, entretanto, esquecer, por mais que a história oficial silencie as narrativas, a memória das pessoas é o que permanece.

## Referência

MÃE, Valter Hugo. *A máquina de fazer espanhóis*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.